

4 poemas de José Luís Mendonça

A RUBRA LÁGRIMA DO CONGO

(óleo sobre tela)

Entre mandíbulas de cobre o sol desperta
de crepúsculo na mão e vozes de palmeiras
no sexo aberto Um vapor electriza
o milimétrico sintoma de perdidos
passos de estação Eu crocodilo
o espanto descalço que ladrilha
o francófono azulejo da manhã
De quarentenas mãos um negro
deus atravessa a rubra lágrima do Congo

OS MORTOS NÃO DORMEM

Os mortos não dormem são quissanjes
de profundos teclados em repouso
Atravessam levemente o rio
da eternidade e a sua voz levita e é o maximbombo
de um certo munhungo extraterrestre
Discam os signos da noite
nas grandes mansões em que sonhamos
Os mortos não dormem caminham
connosco vivendo a vida que esquecemos

POEMA PAPARAZZI

mesqueci de reparar os êmbolos do motor da minha morte natural
por isso entra comigo na câmara mitológica da minha impressão motorizada
a percorrer de pé os dédalos da eternidade fixo à margem do tempo
(amorteço-me) no fôlego vazio e mutante da imagem
da minha cara-metade dimensionada através do satélite .a morte
não está por minha conta.

sobre a felonía cosmológica da eternidade ainda tenho a dizer
mesqueci de meter carburante na motorizada mitológica da minha morte natural
mantenho-me de pé com duas fogueiras de grife na ossatura
mito clássico da proporção do homem pungida por assíduas manhãs de santidade
percursiono-me fixo à margem
não digo sim nem sopas esqueleto entre aprendizagem de asfalto
e manequins cutâneos da rua
nesse trânsito intencional dos metais podres de luz e sombras do teu retrato
abre-te sésamo velho e vivo agora anda e marca pontos contra
o pecado de ser país mulheres das primeiras obras do mar
lavam-se nos álbuns de ferramentas em queda livre
vestidas de alga e madrepérola de um vaso abstracto
com peixes a cores nas fotografias impiedosas inspiradas
na constelação do eco do sexo de retorno à contemplação ecológica do pão
onde os mortos ainda com a vida sentada no cair da tarde
revelam suas sombras velozes antigas profundas se motorizando quando o vento arrasta
a minha voz à distância sob a lente da nova objectiva leika .a morte
não é da minha conta.

A SOMBRA DA PALMEIRA & O CÍRCULO DO FOGO

Mulher alta como a sombra da palmeira.
Mulher negra como o círculo do fogo.
Calumba que um dia foste
libanga dos meus sonhos.

Teu seio de pássaro inorgânico
ainda constrói nos meus dentes
um micro-clima de afectos
uma geografia de batuques
na infraestrutura de um rio.

E mesmo agora ainda separas
no litoral do meu verso
a luz da tarde a luz verde do mar e a luz
vertical das palavras que nunca dissemos.

Tomo entre as mãos ávidas de sangue
a kalashnikov dos teus lábios: crianças magras como tinta
diluem a minha imagem inderrogável
sobre cartão reciclado croquis iniciando um grafito
na memória cinegética da tua pele.

Assim desembocas o rácio do poema:
têmpera assimilada pelos bacilos
mais íntimos da chuva continente invertebrado
ovo pisado do vento agregando o portfolio
dos nossos corpos mais sujos que o conceito azul de terra.
Mulher alta como a sombra da palmeira.
Mulher negra como o círculo do fogo.